

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega
		\$120
	ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS	
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros
		1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 69

1 DE NOVEMBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAYURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

MEMBROS DOS CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO



DR. ROMER — HENRI MARTIN — OPPERT — HILDEBRAND — VIRSCHOW — GABRIEL MORTILLET — DR. LUIS FIGORINI
— DR. LANGERHANS — ARTHUR BLOMME

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Congressos anthropologico e litterario, Os congressistas, R. — Abastecimento de aguas em Lisboa, O Alviella, J. B. — As nossas gravuras — Custodia do Convento dos Jeronymos, BIRTO REBELLO — Sarah, MARIANNO PINA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Membros dos congressos anthropologico e litterario, Dr. Romer, Henri Martin, Oppert, Hildebrand, Virschow, Gabriel Mortillet, Dr. Luis Pigorini, Dr. Langerhans, Arthur Blomme, Friedmann, Lagarde Roufeironx, P. Chagas, Ladislau Mickleswizk, De Grandpont, Conrad, Montagne, Krauss, Chanviure, Ebling, Correia Leite, Réaux, Mario Proth, Chodkiewicz, Lermina, Luiz Ulbach, Baetzmann, Affonso Pagés. — Jacques Offenbach — Abastecimento de aguas em Lisboa, nascente do Alviella vista do lado do curso do rio — O Alviella visto da nascente para o valle — Premio da Real Associação Naval para a regata internacional — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foram plenamente cheios estes quinze dias que lá vão. Houve bailes, regatas, corridas, combates fingidos fóra da cidade, batalhas verdadeiras dentro dos americanos, typhos e salteadores, recitas de gala, recitas de inauguração, houve de tudo em summa, desde os ratoneiros que assaltam os quintaes até aos tremores que abalam a terra.

Foi realmente a primeira quinzena do inverno. S. Ex.^a ao chegar deixou logo o seu bilhete de visita — o tremor de terra. As praias começaram a despovoar-se e a povoarem-se as frizas e a primeira ordem de S. Carlos. As damas elegantes deixaram a camisola de banho pelo vestido de baile, e para que as praias não ficassem de todo mal com ellas, foram valsar para defronte do rio, em que hontem mergulhavam, — para o palacio de Belem.

Mas as praias, e as baetas azues não ficam mal com ellas: têm um grande senso pratico, muito mais bom senso que os nossos politicos, e apesar de cahirem do poder, sabem que não de lá voltar, e não vem para os jornaes fazer opposição, descompor em linguagem de cocheiro de americano — uma nova imagem realista, *helas!* demasiadamente realista, que vem substituir a velha rhetorica da Ribeira Nova — o vestido decotado, e o collar de brilhantes, que as substituiram no governo.

E tem muita razão as camisolas de baeta. Na vida ha lugar para todos; cada coisa tem o seu tempo, a sua estação. As cerejas são substituidas pelas melancias, e não descompoem as melancias; as melancias são desthronadas pelos melões e não descompoem os melões; porque é que os partidos politicos não hão de fazer o mesmo, e o partido que sae ha de sempre atirar pedras ao partido que entra?

Se a questão é a falta de certeza na época em que retomará o poder, faça-se uma coisa, dividam-se os partidos pelas estações, e governe-se o reino pela folhinha. Poupava muitos desgostos á moralidade, nas eleições; e aq bom gosto, á delicadeza, e á grammatica, na imprensa periodica.

Chegado o seu dia o ministerio pedia a demissão, entrava o partido correspondente á estação que começasse, e navegaria tranquilamente a enau do estado dentro dos oceanos bonancosos da carta constitucional.

— O baile do paço de Belem foi a commemoração coreographica e culinaria d'uma brilhante festa naval, que trouxe dois dias muita gente a bordo do vapor *Aurora*, do vapor da Associação e de barcos de todo o tamanho, entre Belem e Paço d'Arcos. Fechou a regata e abriu a época dansante da população lisboeta.

Foi uma bella festa a que não faltaram nem pares, nem entradas, nem figuras de rhetorica, para se passar uma bella noite, e para se fazer um artigo scintillante.

A regata fóra animada, o baile foi animadissimo.

— O Jockey Club quiz aproveitar a occasião para metter em brios os seus cavallos. Levou-os para o Bom Successo, de lá pô-os a ver a regata, para que elles tomassem o exemplo aos yachts inglezes; e abriu as corridas. Foi tempo perdido. Os cavallos enganaram-se no ponto de mira, tomaram o exemplo dos vapores que estavam parados a ver a regata — e foi assim que correram.

São positivamente um divertimento morto entre nós, as corridas de cavallos, porque no fim de tudo nas corridas de cavallos o que ha menos são cavallos a correr. O espectáculo, o bello espectáculo é todo nos intervallos. — Ora em Lisboa o espectáculo, o simples e pobre espectáculo, consiste apenas nas corridas que bem simples costumam ser — ás vezes d'um cavallo só. — Tudo o que lá fóra constitue o grande atractivo destes divertimentos, as apostas, as damas, a elegancia, a alegria, não ha cá, e por isso nunca poderão aqui haver corridas.

— O que temos agora em abundancia são typhos. O verão acabou e elles continuam, e hão de continuar porque não vem do sol, vem debaixo da terra, d'essa pessima canalisação que ali ha fingindo limpeza, limpeza de gato, como lhe chama um grande medico illustre, que infelizmente não tem voz nas altas rigiões administrativas e sanitarias; — o dr. Baldy, vem do desleixo e da incuria culpabilissimas das municipalidades, que tratam de tudo, menos d'aquillo que deviam tratar em primeiro lugar, da salubridade da capital.

A Avenida da Liberdade é decerto uma bella obra. É muito bonito uma cidade ter uma grande rua ampla, mas o que é necessario é que essa cidade tenha gente para passeiar pela tal ampla rua. Ora pelo caminho que Lisboa vae seguindo, é de crer que d'aqui a poucos annos tenhamos a Avenida acabada, mas é tambem de crer que n'esse dia já não haja quem se goze d'ella.

— Em compensação, se o systema de canalisação está atrasadissimo, o systema de roubar vae estando muito aperfeiçoado. Sim senhor! Os ratoneiros lisboetas tem feito grandes progressos á sombra protectora da indifferença policial. Até agora os mais ousados não levavam a sua temeridade além de furtar uns patacos da algibeira em dias de aperto, ou umas galinhas do quintal ás horas mortas; hoje estão muito mais adiantados, já batem ás portas de casa, e annunciam-se a tiro de pistola, já se atiram ás pessoas que passam á meia noite pelos desertos do Chiado, Trindade, S. Roque e pedem a bolsa a troco de navalhadas.

Vae maravilhosamente isto, e ao passo que o realismo á Zola triumpho no theatro dos Recreios, o romantismo á Ponson du Terrail triumpho na calçada do Salitre, na Graça e na rua Nova da Trindade.

E na lucta das duas escolas, nós, vamos tudo pela escola romantica, visto que a policia está empenhada em fazel-a triumphar.

— Se não, vejamos. Ha nada mais pittoresco, mais romantico, e hoje mais inverosimil que os assaltos ás deligencias? As deligencias além d'isso acabam; toda a gente anda em caminho de ferro ou em americano, e só a Hespanha, a poetica e lendaria Hespanha dos salteadores e dos bandidos se atreve a luctar contra a onda realista, que invade o mundo litterario europeu, dando assaltos famosos aos seus comboyos.

Pois Lisboa não fica atraz da Hespanha, e ao passo que lá se dão assaltos aos comboyos, alta noite, nas montanhas despovoadas, cá, visto que não ha comboyos, assaltam-se os americanos, ao romper do dia, nas solidões de Belem.

Isto foi ha poucos dias. Ia para Pedrouços um americano cheio de passageiros banhistas. Nas alturas do Saarah da Praça de D. Fernando, enquanto se engatava ao americano uma d'esses milhares de mulas de reforço que os carros estão sempre a pôr e a tirar, uns carroceiros travaram-se de rasões com o cocheiro do americano, e todos em massa assaltaram o

carro. A lucta travou-se então em regra: os carroceiros com os seus aguilhões, atacaram os passageiros, que lhes respondiam á bengalada. A batalha durou uns poucos de minutos, sustentada com energia d'ambos os lados, e acabou quando os carroceiros vencidos e cheios de contusões, acharam prudente bater em retirada. Foi um verdadeiro combate.

— Quasi ao mesmo tempo que os paisanos e os carroceiros davam esta batalha verdadeira em Belem, os soldados, o exercito, dava uma batalha fingida lá para as bandas do Campo Grande. A arte da guerra não progrediu muito com essa batalha, e entretanto houve n'ella episodios divertidos. Por exemplo: um coronel deu um officio a uma ordenança, e disse-lhe simplesmente:

— Ao Quartel General.

A ordenança larga a redea ao cavallo, e deita a toda a brida até á rua de S. José. Chegou era alta noute.

— Um officio urgente.

— Não está cá quem o receba.

— Não importa: mandem chamar o general.

— O general está a dormir.

— Accordem-n'o. E' urgente e tenho ordem de entregar o officio só em mão propria.

O general estava no melhor do seu somno. Accorda sobresaltado, veste-se á pressa, imaginando qualquer acontecimento grave. Manda entrar a ordenança, recebe o officio, abre-o avidamente ..

O officio era para o Quartel General do campo da tal batalha simulada.

A ordenança não estava ensaiada, e não conhecia senão o Quartel General da rua de S. José.

Isto faz-me lembrar um caso authenticico passado ha pouco tempo no Chiado. Um sujeito chama um moço de recados que estava a uma esquina:

— Ouve! Tu vaes immediatamente ..

— *Xim xenhor* ..

E o gallego deitou a correr, e nunca mais ninguem o viu.

GERVASIO LOBATO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

OS CONGRESSISTAS

ROMER. — O dr. Francisco Floriano Romer é húngaro. Homem de meia idade, fortemente constituido, tem uma amabilidade e affabilidade que o tornam muito sympathico aos que com elle tratou. É religioso, abade mitrado de János, conselheiro real e cavalleiro da Coroa de ferro da Hungria, archeologo distincto, membro ordinario da academia húngara e de outras sociedades scientificas, foi secretario geral do congresso anthropologico de Buda-Pesth. No nosso paiz visitou por mais de uma vez o archivo nacional da Torre do Tombo, onde teve occasião de examinar e tirar apontamentos da famosa Biblia dos Jeronymos da qual dizia custar-lhe a apartar-se. Tambem visitou a Galeria Real da Ajuda onde admirou a famosa custodia que lhe prendera a attenção em Paris. Deixa no nosso paiz gratas recordações da sua illustração e agradabilidade. Foi um dos vice-presidentes do congresso de Lisboa.

HENRI MARTIN (Bon Luis). — O veneravel anciao que nos honrou com a sua presença, que tantas expressões de favor e gratidão tem soltado a nosso respeito é um dos nomes mais universalmente conhecidos. Nascido em S. Quintino a 20 de fevereiro de 1810, cedo se fez conhecer da França. Tinha pouco mais de trinta annos quando, com o bibliophilo Jacob, empreendeu a publicação de uma *Historia de França*, que depois fez sob um plano inteiramente seu, e que é um dos mais notaveis monumentos litterarios do seculo XIX. Mais tarde escreveu outra *Historia Popular de França* resumo da sua grande obra. Tem trabalhos sobre archeologia, historia e litteratura de subido valor. As bibliographias e Dictionarios historicos dão noticia completa das suas obras. Foi presidente do *Congresso litterario* e um dos vice-presidentes do congresso anthropologico em cujas discussões tomou parte. Portugal deve-lhe uma apreciação muito lisongeira dos seus costumes e character. É um anciao de uma firmeza de principios inabalavel.

JULIO OPPERT. — Um dos mais notaveis orientatistas da

França nos nossos dias. Nasceu em Hamburgo em 1825 e por ser de extracção israelita, não ponde subir ao magisterio na *culta e liberal* Alemanha. Veio para França, ligou-se com o celebre orientalista Bournouf, e alli continuou a sua indefessa carreira, proseguindo na publicação de trabalhos sobre costumes, legislação, usos, lingua, etc., dos povos orientaes, introduzindo vistas e apreciações novas em todos os ramos da sua historia archeologica. É homem forte, nervoso, de uma actividade que o faz sempre estar em movimento, e uma das individualidades mais accentuadas do congresso anthropologico.

HANS HILDEBRAND. — É sueco. Terá proximoamente quarenta annos. Veio ao congresso anthropologico como representante do Governo da Suecia, e tomou parte em algumas discussões. É homem muito instruido e considerado deixando entre nós muito vivas impressões do seu vasto saber. É actualmente director do museu real historico e do gabinete de medalhas, secretario perpetuo da Academia de Bellas-Letras, de historia e de Antiquidades do seu paiz. Na Revista dirigida por Cartailhac — *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, ha trabalhos interessantes seus.

O DR. RAPHAEL VIRCHOW. Quem não conhece este nome europeu, nomeado como homem de sciencia e como homem politico? Nasceu na Pomerania em Schivelbein a 13 de Outubro de 1821. De uma actividade e concentração pasmosa de espirito, com a mesma facilidade descreve as minudencias da trichinose, ou ataca vigoroso e imperturbavel na tribuna popular o chanceler principe de Bismark. Tem sido sempre o chefe da opposição liberal ás medidas e practicas d'aquelle estadista, e a respeitabilidade do seu character, a sua vastissima instrução e elevadissima intelligencia tem lhe conquistado um eminente logar entre os homens mais importantes da sua nação. As suas obras e a sua biographia andam em todos os Dictionarios. Foi um dos vice-presidentes do congresso anthropologico em cujos debates tomou parte.

GABRIEL DE MORTILLET, nasceu em Meylan na Saboia em 1821. É um homem distincto, franco e estimavel. Dando-se primeiro ao estudo da Geologia, publicou alguns trabalhos sobre a Geologia e Mineralogia da Saboia. Mais tarde entregou-se aos estudos anthropologicos, e fundou em 1864 a revista *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, que passou depois a ser dirigida por Emilio de Cartailhac. Fundou com o professor Capellini de Bolonha o Congresso anthropologico, conservando ambos por esse facto o titulo honroso de *Presidentes fundadores* d'elle, (com isto rectificamos uma inexactidão que escapou no artigo relativo ao sabio professor italiano). No Grande Dictionario de Larousse, vol. XVI encontram-se esclarecimentos relativos a este homem notavel. É hoje conservador do *Museu de S. Germain* de que foi um dos organisadores.

O DR. LUIS P. GORINI, de Roma, é um dos homens mais instruidos e distinctos que vieram ao congresso anthropologico. O governo de Italia honrou-se fazendo-o seu representante. Não obstante a sua debil saude, que o deve obrigar a poupar-se para a patria e humanidade, é de uma verbosidade espantosa e tomou parte em todas as discussões do congresso. É hoje director do museu pre-historico de Roma, e goza a fama de um distincto archeologo, de um cavalheiro perfeito.

O DR. LANGERHANS. — É mais conhecido no mundo politico do que no mundo litterario. Dotado de bastante intelligencia e saber, forma ao lado do professor Virchow na opposição liberal da camara prussiana, ou da Alemanha do norte, contra a politica do principe de Bismark. Fez parte do congresso anthropologico.

ARTHUR BLOMME. — É um belga distincto. Secretario do circulo archeologico de Termonde, veio ao congresso, anthropologico, e com quanto não tomasse parte nas discussões publicas, nem por isso deixou de fazer conhecido dos que o trataram os seus largos conhecimentos. É um cavalheiro ainda moço e honra o seu paiz, no qual como um dos deputados mais liberaes propoz e propugnou pela secularisação do ensino, como conseguiu.

ALFREDO FRIEDMANN. — É um poeta austriaco. Um excellentemente sympathico rapaz, que lê muito intelligivelmente Góndes no original, e que no seu discurso na sessão inaugural do congresso citou em portuguez muitos versos dos *Lusiadas*.

Friedmann é um rapaz de fino tracto, da melhor sociedade austriaca, e tem enriquecido a litteratura da sua patria com poemas muito estimados, entre elles as *Vestaes* e *Homero*.

Vienna deve-lhe a honra de ser no proximo anno o logar do futuro congresso litterario. Friedmann trabalhou muito para isso e conseguiu-o.

LAGARDE DE ROUFEIROUX. — Um escriptor francez muito novo, quando muito terá vinte e tres annos, muito sympathico, vivendo na sua boa casa da Rochelle, e vindo ao congresso litterario como representante do *Courier du Soir*. Tem já dois romances historicos, e em jornaes de Paris, por mais de uma vez, escreveu artigos sobre Portugal, especialmente ácerca das dissensões politicas entre D. Miguel e D. Pedro.

Foi a segunda vez que visitou o nosso paiz.

PINHEIRO CHAGAS. — Vice-presidente do congresso. É bem conhecido de todos este nosso eminente litterato, jornalista, dramaturgo, e grande orador. Pinheiro Chagas, conquistou com a sua eloquente palavra tão elegante, correcta, e brilhante em francez como em portuguez, o primeiro logar no congresso litterario de Lisboa. Os jornaes francezes, italianos e alemães, fazem-lhe plena justiça e dizem d'elle phrases amaveis e justissimas, que são não só uma honra para Pinheiro Chagas, mas tambem uma gloria para o paiz de que elle é um dos homens mais notaveis.

LADISLAU MICKIEWICZ. — Polaco, filho do grande poeta e celebre patriota Adam Mickiewicz que occupa logar excepcional na litteratura da Polonia. É um rapaz muito intelligente, que segue as pisadas brilhantes de seu paiz.

O poeta Adam Mickiewicz tem um nome europeu, foi professor em Paris, e a Italia collocou o seu busto no Capitolio. A Polonia pensa agora em trasladar o cadaver d'este grande homem, para o collocar no seu Pantheon, em Cracovia, ao lado dos sarcophagos dos seus reis e dos seus heroes.

Seu filho, membro da associação internacional de litteratura, e delegado da Polonia ao congresso de Lisboa, tem feito honra ao seu nome e é já muito considerado e estimado entre os litteratos francezes e polacos.

DE GRANDPONT. — Um respeitavel e sympathico velho. Investigador infatigavel, dedicadissimo ás questões de bellas letras, não hesitou, apesar da sua idade em emprender a viagem a este canto da Peninsula. Não se arrependeu porque gostou muito de Portugal e ouvimos-lhe fallar d'elle com o entusiasmo d'uma alma verdadeiramente juvenil.

CONRAD. — Vice-presidente do congresso litterario-alemão. Um bello, sympathico e franco rapaz, um verdadeiro typo germanico. Pamphletario vehemente, e revolucionario audaz, vive em Paris onde é correspondente da *Gazeta de Francfort*.

É allemão até á raiz dos seus fartos cabellos louros, vive excellentemente com os francezes, mas em todas as questões, mesmo nas litterarias nunca esquece a *germanica mater*. Tem muito talento, é um jornalista vigoroso e energico, e expõe com grande desassombro as suas idéas.

MONTAGNE. — Litterato e jornalista, redactor do *Memorial Diplomatique* de Paris. Seguiu com muito interesse e assiduidade os trabalhos do congresso litterario e escreveu n'aquelle jornal uma larga descripção das festas dadas aos congressistas, muito amavel para Portugal.

ALEXANDRE KRAUSS. — Vice-presidente do congresso litterario. É florentino, tem 27 annos, e a sua especialidade é a musica. Tem em Florença um bello museu, denominado *Museu Krauss* onde se acha a collecção mais completa d'instrumentos de corda, e alguns instrumentos verdadeiramente raros, como o mais bello violino de José Guarnerius, de Gesh de 1724. Krauss publicou em 1867 um trabalho curioso sobre a *Musica no Japão*, que lhe valeu a nomeação de official da Academia, e a medalha d'ouro da Exposição de Paris.

Krauss é membro da Academia de musica de Florença, e apresentou em nome d'esta, que o enviou como delegado ao congresso litterario de Lisboa, uma memoria sobre a propriedade musical, que foi unanimemente aprovada.

CHANVUFE. — Escriptor muito distincto, que veio a Portugal não só para assistir ás sessões do congresso litterario, mas tambem para visitar o paiz. É um trabalhador austero, um entusiasta sincero de todas as grandes obras d'arte.

CARLOS EBLING. — Homem de letras, membro da associação litteraria internacional. Um perfeito cavalheiro, muito illustrado e muito dedicado á causa da fraternisação universal intellectual.

CORREIA LEITE. — Portuguez residente em Paris. Não é litterato, mas foi fundador da *Associação litteraria internacional*, que lhe deve valiosos serviços e de que é membro honorario. É um amigo dedicado dos homens de letras, e tem entre os jornalistas francezes grandes sympathias e fundas amizades.

EMILIO REAUX. — Secretario da legação de S. Salvador em Bruxellas. É um proprietario rico, que tem grande gosto pela litteratura e que escreveu a *Historia dos Condes de Maurin* que é muito apreciada.

É official da Bibliotheca, membro da associação litteraria internacional, e a sua opinião é sempre ouvida com agrado e acatamento.

MARIO PROTH. — Jornalista e romancista francez. É um pouco bohemio, alegrissimo e muito observador. Veiu ao congresso litterario e demorou-se mais dez dias para travar mais intimo conhecimento com o paiz.

Proth é amigo intimo de Victor Hugo e de Vacquerie: e veiu incumbido de escrever correspondencias para o *Rappel*, como fez e não podiam ser mais amaveis para o paiz.

Mario Proth tem entre outras obras, um livro os *Vagabundos* em que se occupa largamente de *Camoës*. No prologo d'esse livro, publicado em 1865, Mario Proth apresenta o embrião da idéa de fraternisação intellectual de todos os paizes, idéa que treze annos mais tarde produziu a *Associação litteraria internacional*.

CRONIKIEWICZ. — Bellissimo conversador, illustrado, um pouco violento, cheio de anedoctas interessantes, que elle dispõe na conversação d'um modo perfeitamente singular. É um excellent typo, tem uma rara energia, e tenacidade, essas qualidades proeminentes das fortes raças do norte. Conquistou muitas sympathias em Lisboa, e a sua sabia e conceituosa conversação era muito procurada.

JULIO LERMINA. — Fundador e secretario geral do congresso e para assim dizer a alma da associação internacional de litteratura. É um jornalista distincto e um romancista muito apreciado. Tem 41 annos e é d'uma actividade febril e infatigavel. Pôde dizer-se que elle era todo o congresso. Como romancista, o seu genero é um pouco o genero Montepin. Tem varios romances, já com bastantes edições, d'entre elles ha um muito conhecido em Portugal, *Os Libos de Paris* que foi traduzido ao mesmo tempo por duas bibliothecas. Julio Lermina é um propagandista maravilhoso, e a idéa da fraternisação internacional litteraria, de que é o mais ardente apostolo, deve-lhe todos os progressos e o largo e rapido caminho que tem feito durante dois annos apenas.

LUIZ ULBACH. — Presidente do congresso litterario. Foi o litterato mais eminente que a França enviou ao congresso de Lisboa. Luiz Ulbach é um velho sympathico, republicano ardente, que falla splendidamente, com uma grande concisão de phrase e primorosa correcção de forma. É um critico muito notavel, e tem atacado de frente, e com grande energia Emilio Zola. A *Revue politique et litteraire* publica em todos os numeros uma excelente secção de *Notes e impressões* assignada por elle, e o seu nome firma muitos livros notaveis. Luiz Ulbach, se não occupa logar entre os primeiros escriptores de França, é alli muito considerado, e o seu nome assaz notavel e apreciado.

FREDERICO BAETZMANN. — Vice-presidente do congresso litterario. É o braço direito de Julio Lermina. Nasceu em 1841 na Noruega, foi secretario do consulado do seu paiz em Italia, depois official da bibliotheca da universidade de Christiania, e por fim lançou-se no trabalho quotidiano do jornalismo que desde o collegio o tentava. Baetzmann é exclusivamente um jornalista e depois de ter sido muito tempo na Noruega o correspondente do *Aftonbladet*, o principal jornal sueco, fixou a sua residencia em Paris como correspondente de muitos jornaes noruegos e suecos. Dedicou-se de coração á obra da associação litteraria internacional, e enquanto Lermina faz a propaganda elle faz o expediente. É um homem muito alto, sympathico, mettido consigo, e trabalhando sem cessar.

Baetzmann, tem no prelo, d'um editor de Copenhague, um livro de estudos sobre a Noruega.

AFONSO PAGÉS. — Secretario do congresso litterario. Jornalista, professor, romancista, auctor dramatico, etc. É um homem de muito talento, de muitas aptidões, extremamente sympathico e bellissimo conversador. Tem 42 annos, e o seu nome é conhecido no jornalismo, no theatro, e nas escolas.

Actualmente é redactor do *Nacional* e do *Jornal dos Conhecimentos Uteis* de Paris. Fundou o *Echo da Sorbonne* que redigiu durante 9 annos, uma bibliotheca de litteratura e instrução, traduziu do allemão, a celebre peça de Kotzebue *Misanthropia e Arrependimento*, escreveu dramas e comedias que tiveram excellent exito nos theatros de Paris, traduziu de Pôe o notavel romance *La Scarabée d'Or*, e tem publicado muitos livros d'instrução, e romances muito apreciados.

Afonso Pagés é membro da sociedade dos *gens des lettres* de Paris, da associação dos auctores dramaticos, e official da Academia. Gostou muito da nossa terra, e tem escripto no *Nacional* cartas de Lisboa amabilissimas para os portuguezes.



Friedmann. Lizardo Roufelroux. P. Chagas. Ladislau Mickiswizk. De Grandpont. Lermína
 Conrad. Montagne. Kraus. Chanviure. Ebling. Correla Leite. Réaux. Mario Proth.
 Luis Ulbach. Beatzmann. Afonso Pagés
 (Camacho)

ABASTECIMENTO
DE
AGUAS EM LISBOA

O ALVIELLA

(Continuado do n.º 68)

Além das expropriações necessárias, e que foram feitas para toda a extensão do canal, importou a compra das nascentes em 50 contos de réis.

As obras executadas em todo o canal tem a extensão de 114:050 metros; sendo 75:612^m,2 em trincheira; 17:537 em 94 tuneis atravessando elevações; 5:210^m,8 em 110 obras d'arte compostas de arcadas; e 13:390 metros em 51 syphões.

Para esclarecer todo o canal foram construídas 196 clara-boias, que além d'isso servem para arejamento e limpeza. Ha em todo o canal 52 apparatus para desaguiadores. Ha mais 51 casas para o serviço de syphões com torneira e 102 para igual serviço sem torneira.

O canal tem a fórma ellyptica, sendo a sua altura desde as nascentes até aos Olivaes de 1^m,90 e d'este ponto até o reservatorio dos Barbadinhos de 1^m,80. A sua largura é de 1^m,30. É de alvenaria, revestido de cimento inglez até 1^m,55 de altura e d'ahi para cima de puzzolana dos Açores.

Tem de declive constante 0^m,12 por kilometro para todo o canal e para os syphões uma perda de carga de 0^m,6 tambem por kilometro.

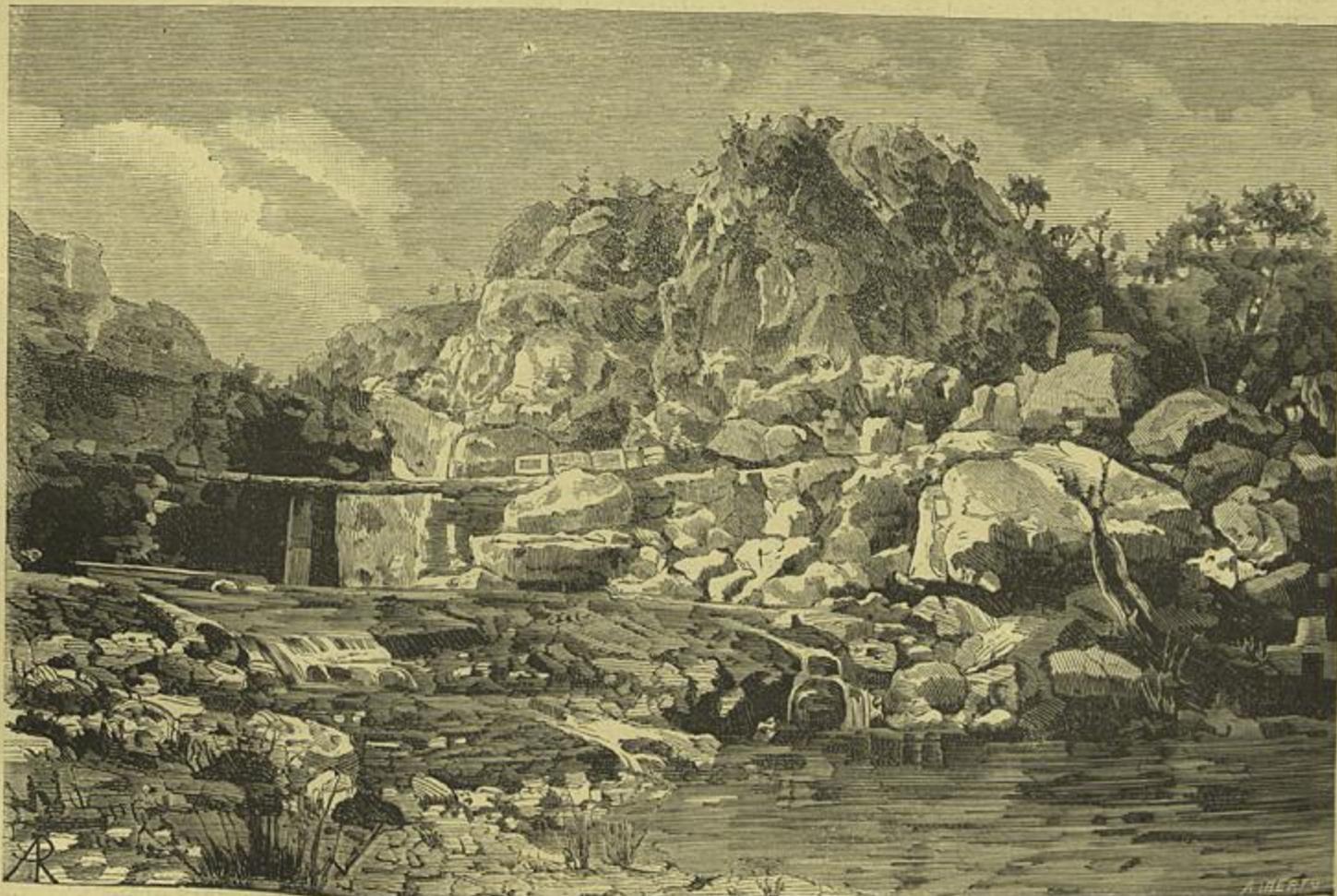
Na antiga cerca dos Barbadinhos, na calçada do mesmo nome, construíram-se os edificios

necessarios para um grande reservatorio com tres fortes machinas elevadoras, importando o primeiro em 45 contos, e as segundas em 100 contos de réis.

didas em dois compartimentos. Desce-se ao tanque por uma escada de pedra e é esclarecido por uma serie de lumieiras que tambem servem para a necessaria renovação do ar.



JACQUES OFFENBACH — Fallecido em 5 de Outubro de 1880



ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA — NASCENTE DO ALVIELLA, VISTA DO LADO DO CURSO DO RIO
(Segundo uma photographia de Camacho)

A agua do reservatorio é ligada com a antiga canalisação de Lisboa por uma tubagem de ferro de um metro de diametro.

Não podemos passar em silencio a obra mais consideravel construída no trajecto do canal desde a nascente até á cidade, que é a ponte syphão de Sacavem.

Foi lançada entre as duas pontes ali existentes, a da estrada publica e a do caminho de ferro. Tem este syphão 830 metros, mas não se concluiu ainda, porque sendo o terreno n'aquelle ponto muito compressivel, não se poude empregar a estacaria, como fôra projectado, havendo necessidade de assentar o syphão sobre pilares cylindricos, e como esta obra se não podia terminar com a promptidão precisa, resolveram os constructores assentar o syphão inferiormente ao rio, afim de introduzir com a brevidade desejada o Alviella em Lisboa. Mais tarde, quando esta ponte estiver construída, será ella uma das obras dignas de toda a consideração.

O reservatorio na quinta dos Barbadinhos é um grande edificio composto de um tanque abobadado em fórma de quadrilongo. As suas arcadas são de volta abatida apoiadas em o numero de pilares necesarios e na disposição conveniente. São as suas paredes independentes da abobada e divi-

A capacidade do tanque é de 12:000 metros, mais 6:340 que a do depósito das Amoreiras pertencente ao antigo aqueducto.

A altura da agua no reservatorio será de 4 metros, e o seu fundo fica 27^m,66 acima do nivel do mar.

A agua recebida em Lisboa por este canal é regularmente 20:000 metros cubicos por dia, podendo elevar-se esta quantidade a 30:000 metros cubicos.

As aguas em Lisboa foram divididas em quatro zonas de distribuição, a alta, a media, e a baixa, subdividida em duas, superior e inferior.

A zona alta é provida com as aguas que já corriam em Lisboa pelo antigo reservatorio do Pombal junto á Penitenciaria. O Alviella servirá as outras tres zonas pela maneira seguinte.

A parte inferior da zona baixa recebe as aguas directamente do reservatorio dos Barbadinhos sem o auxilio das machinas.

As outras zonas recebem a agua elevada pelas machinas, a que já alludimos, d'este modo. Metade das aguas são elevadas ao reservatorio do Arco em frente do palacio dos Condes da Anadia, a S. João dos Bemcasados, por canalisação já assente; a outra metade, ou um quarto do volume total da agua, será levado por canalisação especial ao reservatorio da Travessa da Veronica, canalisação que ainda não foi assente, por não ser urgente o seu assentamento.

Com a introdução das aguas do rio Alviella em Lisboa devem melhorar muito as condições hygienicas da capital e por conseguinte a sua salubridade.

O regimen biologico dos habitantes d'esta grande e bella cidade, tambem deve soffrer profunda modificação. A agua introduzida com a já existente eleva o seu volume a 200 litros diarios por habitante, o que já é consideravel, pois colloca a cidade em condições superiores a Paris Berdeus, Lyão, Narbonne Nantes etc.

As photographias que apresentamos no nosso ultimo numero e no presente claramente deixam conhecer o sitio das nascentes do Alviella, a sua derivação para o canal, o que mais perfeitamente se percebe na nossa gravura da pag. 180 onde á direita se vê a obra d'arte por onde se deriva a agua para o canal, correndo para a esquerda a agua do leito do rio.

As nossas gravuras feitas sobre as bellas photographias tiradas pelo nosso habilissimo photographo o sr. Camacho, dispensam-nos mais explicações, e nós apresentando-as ao publico, temos a satisfação de lhe dar a conhecer a não só os sitios mais pittorescos do canal do Alviella e do rio, mas alguns trabalhos do nosso grande artista photographico, justamente apreciados, e que o merece ser em toda a parte.

(Continua)

J. B.

AS NOSSAS GRAVURAS

JACQUES OFFENBACH

Offenbach, esse alegre musico que teve a reputação mais universal que tem sido dada a um homem, foi muito mais do que um compositor notavel, foi sobretudo um revolucionario feliz.

Quando Offenbach veiu creança de Colonia para Paris começar a tentar fortuna, mal sabia talvez, Halévy que foi o seu mestre, o seu guia, que tinha ali um discípulo, que havia mais tarde, com as gargalhadas das suas notas estranhas e burlescas, fazer estremecer todo o mundo, e crear na musica moderna um genero novo, um genero adorado por todos os povos desde o *gommeux* de Paris até aos *affaires* yanques do novo mundo a opera: — burlesca.

O auctor da *Judia* prophetizou desde os primeiros dias uma carreira brilhante ao pequeno Jacques, mas o successo espantoso da obra de Offenbach estava alem das mais douradas prophcias.

Offenbach começou pelos pequenos passos hesitantes. *Pascal Chambord*, a *Alcova*, as suas primeiras peças tiveram certo exito. D'ali a pouco a *Canção de Fortunio*,

escripta para o *Chandelier*, mas afinal cantada na *Valeria*, teve um verdadeiro successo, mas os *Dois cegos* esse primeiro accordar da nova musa — a opereta — fizeram uma verdadeira revolução. Todo Paris foi ver essa pequena *savante*, ouvir essa nova musica que tinha um estylo galhofeiro, um ar *canaille*, uns esparçamentos lubricos e patuscos, de que se podia dizer o que mais tarde a Carlota de *Offenbach* dizia n'uma das suas melhores operas:

Nunca se disse isto cá.

A carreira estava marcada por um triumpho ruidoso e brilhante. Offenbach continuou-a sem hesitações, e caminhando n'um *crescendo* magestoso de successos, chegou a dominar todos os theatros do mundo com as suas operas facetas, de saia arregaçada, olhar lascivo, sorriso gaio.

A opera burlesca estava creada e tomava o primeiro logar na musica moderna, tomando n'esas ás vezes o passo á grande musica séria.

E Offenbach trabalhava sempre. O seu genero começou a ter cultores dedicadissimos, e Lecocq, com a *Angot* com a *Giroflé*, com o *Petit Duc* fez porventura empalidecer um pouco o astro offenbachiano introduzindo na opera burlesca uns traços delicados, que formavam, por assim dizer, um genero intermedio entre a opera burlesca e a opera comica. Offenbach porém não era homem que deixasse assim a sua realza e fez depois das grandes *bouffonneries* dos *Brigands*, da *Périchole*, da *Grande Duchesse*, *Barbe Bleue*, a *Madame Favart*, uma digna rival do *Petit Duc* e que mostrou brilhantemente que no genio de Offenbach havia tambem todas as *nuances* delicadas que tinham feito o successo do *Petit Duc*.

E os *successos* repetiam-se sempre ruidosos e ainda se continuaria de certo depois da morte do grande maestro porque, quando a gotta subindo á cabeça o matou subitamente, ensaiava elle duas operas que brevemente subirão á scena em Paris.

Offenbach era muito estimado pelos seus amigos, sua mulher e seus filhos adoravam-no e a morte d'elle cobrindo de lucto a sua familia, enluctou tambem todos os theatros do mundo, que tinham em Offenbach o seu mais fecundo e mais feliz fornecedor.

REGATA INTERNACIONAL

PREMIO DA REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

A 22 de outubro ultimo celebrou-se entre Belem e Paço d'Arcos uma regata de barcos de vella, sob a direcção da Real Associação Naval de Lisboa.

O premio instituido por esta Associação e que a nossa gravura da pag. 180 representa é um jarro de prata lavrado, tendo gravado em volta uma corrida de barcos de vella. Foi fornecido pela ourivesaria do sr. Leitão & Irmão estabelecida no Largo das duas egrejas em Lisboa.

Este premio disputado por varios barcos, de diferentes nacionalidades, foi conferido ao palhote inglez *Cetonia* pertencente *Royal Association Yacht Squadron*.

A Camara Municipal d'esta cidade tambem concorreu com um premio de duzentas libras, que deverá ser conferido ao barco que primeiro chegar a Nice.

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

III

GIL VICENTE, OURIVES, E GIL VICENTE, POETA

d) *Poeta e ourives*. Se até aqui os documentos nos tem dado as provas irrefragaveis para a nossa deducção analytica, são elles agora menos terminantes, mas nem por isso deixam de ser aproveitaveis.

Vimos que o ourives Gil Vicente fôra encarregado em 1503 da feitura da famosa custodia de que tratamos, e que esse artefacto foi concluido em 1506, levando portanto tres annos a concluir. Um só artista não a podia fazer em tão pouco tempo, e isto força-nos a admitir que Gil Vicente tinha officina sua, com officiaes habeis que o auxiliavam nos seus trabalhos. Que não era elle só o unico ourives notavel d'essa época, nem o preferido para estes trabalhos provam-n'o outros documentos.

Quando em 1504 D. Francisco d'Almeida partiu para a India afim de governal-a, levava um rico presente para o rei de Cochim, que

era uma corôa de ouro, ricamente cinz-lada. O artista que a fez foi João Caldeirão. O feyto d'esta obra que lhe foi paga a 14 de abril (*Liv. da Recept. e desp. do Thesour. da casa de Guiné em 1504 a fl. 164*) foi de 25\$000 réis, somma importantissima para aquelle tempo, e que *lhe foram julgados pelos juizes do officio que mercera de feyto*.

Esta importante declaração e outras verbas que temos encontrado mostram que havia então muitos artistas que trabalhavam nas obras de ouro e prata, que não era só Gil Vicente o unico importante, e que os pagamentos d'estas obras se faziam por juizes do officio.

O mesmo Caldeirão recebeu n'aquelle anno 8\$000 pelo feyto de uma caixa de ouro para a cruz que se mandou ao Papa, naturalmente feita por elle.

Se existissem todos os livros da thesouraria da casa da Guiné e da India, haviamos de encontrar muitos outros dados preciosos para a historia das artes.

É um facto psicologico observado constantemente que o homem entregue a um trabalho importante, absorvido o seu pensamento por elle, em todos os actos da sua vida deixa transparecer mais ou menos a apprehensão do seu espirito. Ora nas obras do poeta Gil Vicente, que sabemos escriptas de 1503 a 1506, não ha a minima allusão a trabalhos de ourivesaria.

E não só durante esse periodo de tres annos, mas durante o largo periodo da obra litteraria de Gil Vicente, poeta, são tão escassas as referencias a trabalhos e obras de ourives que nada depõem a favor da inclusão das duas individualidades na mesma pessoa.

O diabo, no *Auto da Alma* para tentar esta apenas lhe falla n'umas *pedras preciosas*, em um *collar de ouro bem esmaltado, dez aneis e uns pudentes* para as orelhas; — *na farça dos Almocreves* a conta que o ourives pede ao fidalgo, é apenas a de um *saleiro* lavrado de *bastiões* e nas *Côrtes de Jupiter* apenas se menciona um *dedal* e um *anel*. É muito pouco para um ourives, e não ha, como diz o meu amigo Theophilo Braga, a minima descripção technica de trabalho artistico, salvo o *esmaltado do collar*, e os *bastiões do saleiro*, o que está ao alcance de todos. A *Fragua de Amor* é uma idéa tirada da *mythologia*; lá estão *Venus, Mercurio, Jupiter, Saturno o sol e Cupido* para o demonstrarem, e até os fidalgos são disfarçados em *caldeireiros*, não em *ourives*.

As allusões que o sr. Theophilo Braga encontrou relativas ao thesoureiro da casa da moeda, não podiam deixar de existir. Gil Vicente fazendo algumas vezes uma especie de *loa* dos fidalgos e damas da côrte, é naturalissimo que entre elles incluisse o thesoureiro *Garcia Moniz*, que era um dos funcionarios mais importantes do paiz. Isto mesmo parece um argumento contrario pelo que vamos dizer.

O auto da *Barca do Inferno* foi representado em 1517. N'este anno foi Garcia Moniz demittido do cargo de thesoureiro da casa da moeda, e em seu lugar nomeado Ruy Leite, dizendo-se na carta de nomeação de 22 de junho de 1517 (*Liv. X de D. Manuel fo. 91*) que o servirá em substituição de *Garcia Moniz que foi julgado que o perdesse*. Ora é natural que tivesse para isso havido syndicancia, como se diz hoje, a qual produzisse aquelle resultado, e o *mestre da Balança* se fosse o mesmo poeta *Gil Vicente*, não podia ignoral-o. Já em 1508 tinha havido outra diligencia na casa da moeda feita por um desembargador, que encontrou irregularidades e providenciou acerca d'ellas. N'esta (que existe no *corpo chronologico* da Torre do Tombo) compareceram o thesoureiro, os mestres da Balança, os ensaiadores, empregados, e varios negociantes que alli foram chamados. Na outra, a tel-o havido, como supomos em vista d'aquella phrase do documento, deviam comparecer os mesmos empregados, por tanto fôra grande inconveniencia fallar n'um homem em taes circunstancias, se *Gil Vicente*, poeta, fosse o ourives e mestre da balança da casa da moeda.

A allusão a *Diogo Fernandes*, nada tem que ver com o ourives, ou os ourives d'esse nome (porque houve mais do que um) mas sim com

o *Commendador* d'aquelle nome, e como n'esse tempo havia no paço um capellão e outros fidalgos assim chamados não podemos ainda saber a qual d'elles se refere.

As allusões ao escrivão da camara André Pires nada tem que o especialise. André Pires foi o escrivão que lavrou o alvará de nomeação do ourives Gil Vicente para vedor das obras do Hospital, de Thomar e de Belem, mas tanto falla n'elle como falla em Damião Dias e Christovão Esteves os outros escrivães da Camara.

Para não alongarmos muito o que poderamos dizer mais, a este respeito vamos apresentar o documento pelo qual *Gil Vicente*, ourives, resignou o cargo de Mestre da Balança da casa da moeda de Lisboa, resignação que nós attribuímos á impossibilidade de o continuar a poder servir.

Dom manuell & A quantos esta nosa carta vyrem fazemos saber que comfyando nos da bondade e descryção e fyeldade do *diogo roiz* ourivez da Ifante dona Issabell mynha muyto amada e prezada fyilha e quemdolhe fazer graça e merçe temos por bem e o damos ora por mestre da balança da moeda desta nosa cidade de lizboa assy e pella maneira que o elle deve sser e o até que *foy gill vicente* que lho vemdeo por nosa licemça e o renuncion, segundo dello fomos certo per hum publico estormento de renunciçam que parecyra ser feyto e asynado per pero fernandez tabelliam na dita cidade aos tres dias deste mes dagosto com testemunhas em elle nomeadas em o quall ofyeyo queremos e nos praz que aja o mantymto proes e precalços a elle dereytamente ordenados como os o dito *Gill vicente* avya e bem asy todosos pryvylegios liberdades que am e devem daver os mestres da dita balança o quall ofyeyo tera e avera asy ate *migell* filho de *fernão Gill* ser de idade de vinte e cimquo anos por que tanto que os ouner fycara a nos resguardado fazermos a elle ou a outra quallquer pesoa que nosso seruiço mais seja merçe do dyto ofyeyo E porrem mandamos a Ruy leyte t'soureyro da dita nosa moeda ou a quallquer outro ofyeciall ou pesoa que pertemger que o meta em posse do dyto ofyeyo (& em forma) dada em lizboa a bj (6) dias do mes dagosto manuell de moura a fez de j b xbiij (1517. anos. *Arch. nac. da T. do T. L.º x de D. Manoel fl. 71.*

Este é o ultimo documento que nos certifica que *Gil Vicente*, ourives, ainda vivia n'aquella data. D'aqui em diante ha alguns documentos relativos a *Gil Vicente* mas sem o designarem como ourives.

No Archivo Nacional existe um livro, infelizmente só relativo a quatro annos, mas que nos é de grande auxilio; intitula-se: *Livro das pessoas que tiveram tenças d'el-rei* e refere-se aos annos de 1523, 24, 25 e 26. Na parte que tem por titulo *Tenças que el-rei nosso senhor deu o anno de xxiiij* (1524) acha-se a fl. 111 v.º a seguinte verba:

A *Gill vicente de tença xiij* (12\$000 réis).

A fl. 113 do mesmo livro e sob o titulo de *Tenças que el-rei nosso senhor deu o anno de xxv* (1525) apparece tambem a verba seguinte:

A *gill vicente da crecentamento viij* (8\$000 réis).

Ao lado de cada verba do livro tem indicada a repartição ou folha por onde se ha-de receber, junto áquellas tem a indicação: — *Ordenados.*

N'este mesmo anno de 1525 apparece na chancellaria de D. João III a carta de 19 de janeiro publicada pelo sr. dr. Theophilo Braga a pagina 376 do referido fasciculo do *Positivismo*. Por essa carta mandam-se pagar a *Gil Vicente* tres moios de trigo de tença por anno. Em nenhum d'estes tres documentos se chama a *Gil Vicente*, ourives, o que nos parece uma prova de que taes mercês não eram feitas ao ourives. Alem de que este era official da casa da rainha D. Leonor, e não é muito provavel que o rei lhe mandasse assentar tença ou ordenado em sua casa. Ás vezes, é verdade, que assim se fazia, mas havia sempre a declaração, no documento que a concedia, do emprego do individuo, e da pessoa em cuja casa servia, do que os documentos relativos ao ourives publicados pelo meu amigo dão testemunho.

(Continua).

BRITO REBELLO.

SARAH

(AO SR. VISCONDE DE BENALCANFOR)

O *ménage* era o mais delicioso que se póde imaginar. Um ninho doce e perfumado onde viviam marido, mulher e filha, uma filhinha de cinco annos que era o encanto dos paes. Fresca, e saudavel, tinha nos labios a ostentação colorida d'uma aurora de abril, e os cabellos eram d'aquelles turbilhões de ouro mate com que os serigueiros costumam engrinaldar os chapéos impavidos dos generaes.

Quando a mãe andava grávida, toda ella envolvida em carinhos e meiguices do esposo e dos parentes, exclamava radiante o futuro pae: «Se for uma rapariga ha de chamar-se Sarah;» e este nome que é a synthese d'uma raça distincta e forte, onde ha os mais bellos perfis de mulheres, agradava-lhe, soava-lhe bem ao timpano. A Natureza satisfez-lhe o desejo dando-lhe uma filha; e ficou sendo Sarah o nome da creança. Não foi a expressão completa d'um typo judaico, — um nariz finamente aquilino, uma pelle velludosa e baça como um marmore, uns olhos pretos, vivos, radiantes, como dois diamantes negros, — isso não. Mas o traço delicado e suave da peninsular, artisticamente combinado com o typo *blonde* dos *babies* do norte, davam a Sarah um perfil meigo e doce, como se fosse uma criação infantil e adoravel de Hamon.

O pae era um feliz e um elegante. Formado em medicina aos vinte e cinco annos, com uma fortuna de duzentos contos aos trinta, pela morte do pae, casado aos trinta e um com uma rapariga elegantissima, filha d'um distincto diplomata francez, nunca teve que olhar a clinica as feridas e as dores de cabeça dos homens como seu passatempo obrigado; e vendo a vocação errada abalancou-se no diletantismo das letras. Um nome facilmente se conquista, muito mais quando ha talento e uma boa fortuna. O dr. Carvalhaes, «o Abilio» como lhe chamavam, era na verdade um distincto. Nas reuniões da *Havana* o seu typo destaca-se ainda e reconhece-se n'elle um bello espirito educado, um homem que sabe lavar o corpo e o cerebro com boa agua e boas theorias, e ver a sociedade com uma perna cõxa quando todos os criticos a veem com as pernas em bom estado...

O nascimento da filha foi uma alegria para elle e para a esposa, especialmente para a esposa, que mais tarde já lhe servia de companheira nas noites em que ficava só em casa, sem appetite por S. Carlos, enquanto o marido dava sopapos de humorismo e pontuadas de critica ao mundo lisboeta, enterrado nas estofadas cadeiras pretas do Gremio, fallando com as melhores reputações na litteratura. Mas quando entrava em casa e via Sarah ao lado da mãe, sentadinha no seu tamborete de setim escarlata, com uma illustração sobre os joelhos unidos, os olhos muito abertos, as narinas palpitantes como duas folhas de rosa, olhando attentamente as gravuras espectaculosas, e a mãe com o seu parisiensismo simples e correcto lendo serenamente uma brochura de Michelet, enquanto a sua mão esquerda brincava com um punhal de prata de abrir papel, elle, afastava docemente o reposteiro e dando um beijo amoroso na arvore que déra um tão bom fructo, erguia nos braços a filha como um gymnasta lesto, suspendia-a com ambas as mãos acima da cabeça agitando-lhe o corpo delicado, saracoteando-a, e acabava por apertal-a nos braços, beijando-a muito, tendo-a vigorosamente aconchegada ao coração, como se quizesse que todo o seu ser se confundisse n'elle, vivessem a mesma vida, gosassem as mesmas alegrias — e discutissem a mesma sociedade!

A creança era o idolo da casa. A mãe que era uma mulher de vinte e dois annos, fresca e sympathica como um lyrio, com uma educação cuidada, sabendo fazer uma aguarella enquanto outras bordam reles pastorinhas de missanga, dedicava-lhe os maiores cuidados, tinha para ella os melhores sorrisos. Sarah

pagava generosamente em beijos todos estes affectos, e quando um incidente extraordinario perturbava o espirito da mãe, Sarah trepava para uma cadeira, e com uma voz d'um timbre crystallino e fresco como a nota alegre d'um melro, inqueria:

— Estás triste, mamã? É por causa da tua Sarah? E os seus labios d'um coral humido e fresco cerravam-se na sua face velludosa n'um estertor amigo, enquanto a mãe puxando-a para o seu collo a acariciava docemente.

Michelet devia forçosamente estar satisfeito com a leitura dos seus livros!

Um dia a Doença entrou vilmente em casa. Com a doença vieram os choros, as tristezas, os soluços angustiados, — e n'uma manhã em que o canario do quarto entoava canticos ao delicioso sol, banhando a sua plumagem amarella no bebedouro de crystal, Sarah foi ao quarto da cama e vio o pae ajoelhado aos pés do leito, a cabeça escondida por entre as roupas, n'um soluçar agonizante. A mãe tinha as palpebras cerradas, envolvidas n'um circulo negro e profundo, os cabellos em desalinho, os labios contrahidos e róxos, as mãos frias e inertes sobre os lençoes de brentanha. O dr. Carvalhaes ao ouvir-lhe os passos ergueu-se, segurou-a pela cintura, e chorando:

— Resa por alma da mamã que vae para o ceu!

Sarah não percebeu nada do que o pae lhe dizia, olhou o cadaver imbecilmente, e depois de o fitar por algum tempo exclamou:

— A mamã não póde abrir os olhos?

Um mez depois a creança estava á janella que deita para o jardim, a ver um bando de pardaes adejando serenamente no azul, desaparecendo a uma grande altura. O pae ao lado lia Daudet. Sarah seguia-os com o olhar, perdia-os muitas vezes de vista, e por ultimo interrogou:

— Para onde vão aquelles passarinhos?

— Para o céu! respondeu-lhe o pae olhando-a com amor. E ella depois de pensar um bocado, muito admirada:

— É onde está a mamã, pois não é?

— É sim, Sarahita. E uma lagrima rolou pela face serena do medico, enquanto Sarah se admirava extraordinariamente de que só aos pardaes fosse dado o visitar-lhe a mãe, a quem dava tantos beijos e que já não via ha tanto tempo...

É domingo de Ressurreição. Na rua uma serenidade morna, um silencio abafado de manhã de festa. O dr. Carvalhaes no seu gabinete manda bilhetes a uns amigos onde escreve — *Boas Festas* — a um canto, na sua lettra convulsinada. Sarah a seu lado interroga:

— Para que é isso papá?

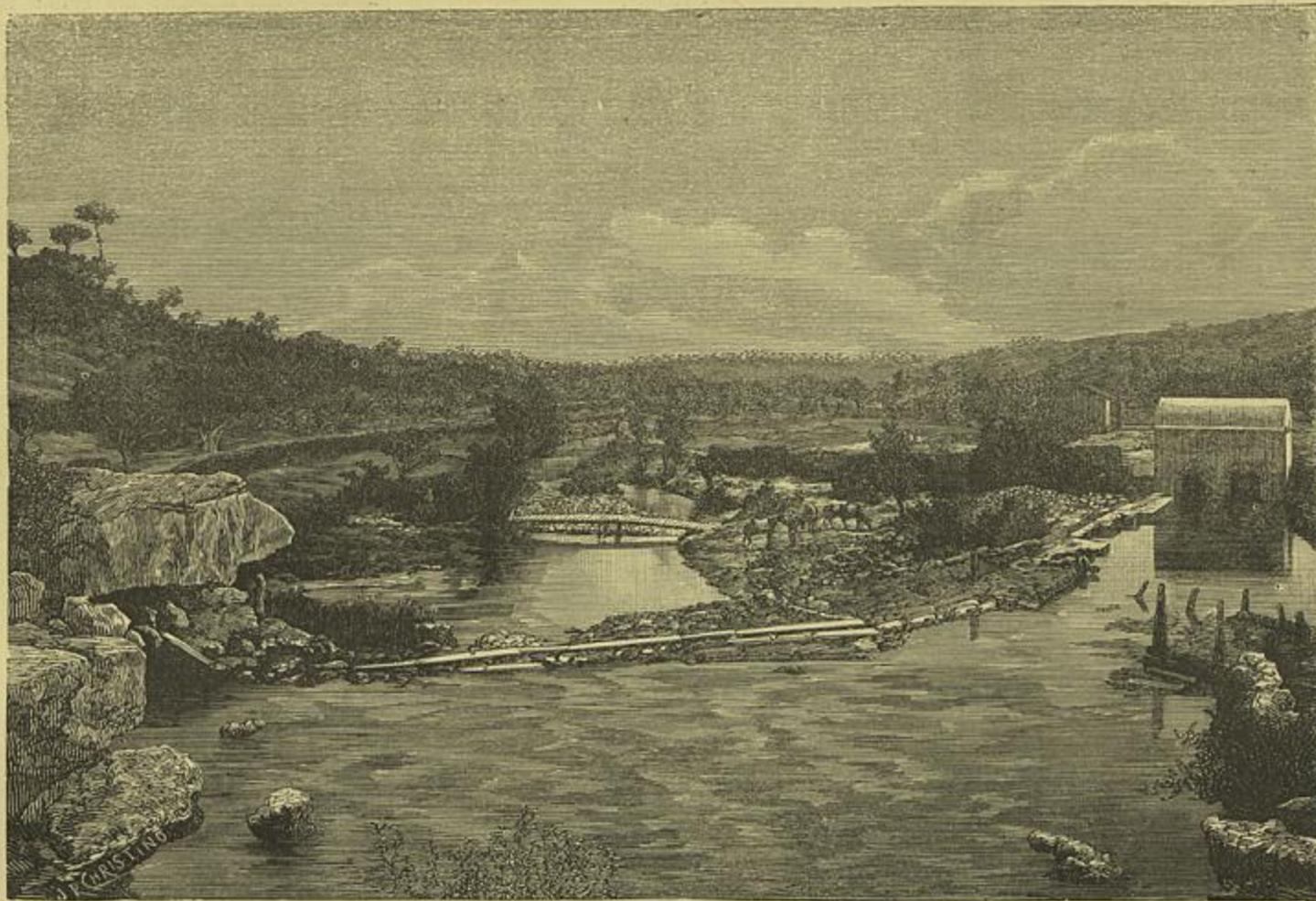
— É uma prova de amizade. N'este dia dão-se «boas festas» a todos que estimamos ..

Sarah continuou acariciando a sua boneca de cera; e o doutor abriu uma gaveta para tirar de lá um papel marfim em que queria escrever á viscondessa R... e onde estavam ainda uns bonitos chromos em que a esposa fazia convites ás suas amigas. Sarah pediu-lhe um e foi para o seu quarto muito alegre.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Cama de chão, cama de chão.



ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA — O ALVIELLA, VISTA TIRADA DA NASCENTE PARA O VALLE
(Segundo uma photographia de Camacho)

Na gaiola dourada o canario cantava jovialmente, e Sarah molhando uma penna de prata que fôra da mãe, escreveu no cartão, com a sua engraçada lettra, de gordos caracteres — *Boas festas mamã* — e tirando da gaiola o canario atou-lhe a felicitação a uma aza, deu-lhe um beijo e largou-o á janella. A ave soltou um grito de liberdade e esvoaçou no espaço. O sol dourava-lhe a plumagem brilhante, cheia de scintillações amarellas; e Sarah alegre e satisfeita, inundada d'um bello sorriso vermelho, acompanhava-lhe com a vista as curvas suaves que ia traçando na atmosphera azul.

À noite Sarah, interrogava:

— O canario já lá chegaria, papá?

— Aonde?

— Ao céu!

— Já sim, minha querida filha, e a tua mamã recebeu as «boas festas» logo que as traçaste no bilhete...

Na serenidade doce do quarto o ruido d'um beijo souo, como se fôra uma aurora d'amor!

MARIANNO PINA.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos.

OS LUSIADAS, edição Emilio Biel, Porto 1880. — Recebemos as terceira e quarta cadernetas d'esta nitidissima edição; a primeira ornada de uma primorosa gravura, e a outra do frontespicio do primeiro canto em chromo.

MAGDALENA, quadro biblico em sete cantos, por A. Gonçalves de Freitas. — David Corazzi editor, Lisboa 1880 — 8.º de 78 pag.

O POSITIVISMO, Revista de Phylosophia, n.º 6, agosto e setembro 1880. Magalhães & Moniz editor, Porto.



PREMIO DA REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL
PARA A REGATA INTERNACIONAL DE LISBOA (22 DE OUTUBRO)

TRICENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES, discursos pronunciados em sessão solenne no dia 13 de junho de 1880. Porto typographia central. 313, rua do Bomjardim, 317. MDCCLXXX, 8.º de x — 91 pag.

Esta publicação feita pela Sociedade Nova Euterpe na sua sessão solenne do dia referido é mais uma homenagem á memoria do grande poeta, e que tem de occupar o seu devido logar nas colleções camoneanas.

O CENTENARIO DE CAMÕES EM PERNAMBUCO, festas promovidas pela directoria do Gabinete portuez de leitura. Porto Imprensa Portuzueza, 1880. — 8.º port. de 212 pag. e 1 estampa representando o edificio do Gabinete de leitura.

Contém este volume uma historia abreviada do referido Gabinete de leitura, a noticia das festas promovidas por esta associação para a celebração do centenario de Camões e os discursos e poesias recitadas na sessão solenne d'aquella festividade pelos seus membros. Este volume deve acompanhar a edição dos sonetos de Camões feita por aquella sociedade, e tomar logar nas camoneanas.

LUIZ DE CAMÕES, homenagem da Gazeta de Noticias, 10 de junho de 1880. Rio de Janeiro, typ. da Gaz. de Not. 72, rua Otto de Setembro, 1880 — 8.º de 223 pag.

Comprehende allocuções, trechos em prosa e verso, relativas á celebração do centenario de Camões e comprehendidos no numero extraordinario que a Gazeta de Noticias publicou n'aquelle dia com o mesmo titulo. Tambem esta homenagem dos nossos irmãos d'além mar, ha-de ter o seu logar em qualquer camoneana.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6